

Cristovam Buarque vê o jogo

ACÁCIO PIRES

Futebol, magnífico ex-reitor! Trata-se de um anglicismo. Vem do inglês football, pé na bola. É um jogo muito popular no Brasil.

Cristovam Buarque, o homenageado, estranha o churrasco de gato na entrada do estádio. Cadê os talheres, os pratos? E o garçom, onde está que não vem servi-lo? Desconfiado, experimenta aquela bebida esquisita — uma “eau de vie”, sem dúvida, mas muito estranha, com gelo, limão e açúcar. Senta-se pouco à vontade na arquibancada. Diabo de poltrona dura, desconfortável! Quem será que trouou as almofadas? A torcida, toda petista, grita: “Um, dois, três/quatro, cinco mil/queremos o Cristovam presidente do Brasil!”. O ex-magnífico reitor balança a cabeça diante dos gritos: “Veja só, companheira Erundina, a que ponto chegamos no setor de Educação! O povo erra quando conta até seis!”.

O companheiro Suplicy está tendo alguma dificuldade para identificar os times. Não é culpa dele, embora tenha passado toda a juventude lutando boxe: é que os dois times vestem uniforme vermelho, com uma estrelinha no peito.

O companheiro Mercadante,

gentil, comenta os aspectos econômicos: “São 22 jogadores, um juiz, dois bandeirinhas, uma bola de 454 gramas, campo de 110x77 metros. É jogador demais para bola de menos, companheiro magnífico! Esse tal de futebol é como o Plano Real: não vai dar certo”. O companheiro Ruy Falcão concorda: “Esse negócio de futebol é o ópio do povo. Alienia até o companheiro Lula”.

Cristovam Buarque assiste, fascinado. Lula pega a bola, dribla espetacularmente a zagueira Abadia, chuta de direita, é gol. Cristovam levanta-se, bate palmas: “Bravo! Bravo! Biis!”.

Mas o gol foi anulado: só vale chutar de esquerda. Além disso, Lula tinha feito uma tabelinha com o Genofno e esse negócio de aliança é coisa de burguês.

Cristovam estranhou quando o goleiro pegou a bola para bater a falta. Não é proibido pegar com as mãos? Deve ser armação dos inimigos de sua candidatura, maracutaiá da brava! Coisa daquele capitão Azevedo, com certeza!

Na verdade, o juiz tinha certa dificuldade para controlar o jogo. Os times, proletário-populares, não tinham capitão: só companheiros. E o Markus Sokol exigia participação co-

munitária nas decisões em campo. Que história é essa de o juiz, autoritariamente, marcar falta? Negativo! A maneira correta e popular de fazer as coisas é convocar uma assembleia, onde cada companheiro jogador coloque sua posição diante dos companheiros torcedores, para que a executiva do partido, popular e democraticamente, tome uma decisão a respeito do assunto.

Bola com o primo Chico Buarque! Em toda a família há pelo menos uma pessoa de talento. Chico balança o corpo, olha o gol — vazio! O goleiro entrou em greve! — e chuta para as redes. Cristovam protesta: como é que um jogador democrático, proletário, popular e progressista aproveita a greve do goleiro para faturar? É coisa de patrão!

Cristovam gostou da homenagem, está agradecido, mas esse tal de football não achou grande coisa, não. E, além do mais, aquela poltrona de cimento, sem almofada, sujou suas calças novinhas — imagine, com tão pouco tempo já precisa lavar o tecido importado! Só teve uma coisa que apreciou integralmente: a greve entre o primeiro e o segundo tempo.

■ Acácio Pires é jornalista